

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**OS EFEITOS DO GÊNERO E DO HISTÓRICO DE INFORMANTES
NA CONFIANÇA SELETIVA DE CRIANÇAS**

Ana Carolina Messias

São Carlos, SP

Março de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**OS EFEITOS DO GÊNERO E DO HISTÓRICO DE INFORMANTES
NA CONFIANÇA SELETIVA DE CRIANÇAS**

Ana Carolina Messias

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

Área de Concentração:

Comportamento e Cognição

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Débora de Hollanda Souza

Março de 2019



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Carolina Messias
São Carlos, 12/04/2019

Debora de Hollanda Souza

Prof.^a Dr.^a Débora de Hollanda Souza (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos
Universidade Federal de Sergipe/UFS

A. Arantes

Prof.^a Dr.^a Ana Karina Lente Arantes
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Certifico que a sessão de defesa foi realizada com a participação a distância da **Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos**, depois das arguições e deliberações realizadas, a participante a distância está de acordo com o conteúdo do parecer da comissão examinadora redigido no relatório de defesa da aluna Ana Carolina Messias.

Debora de Hollanda Souza

Prof.^a Dr.^a Débora de Hollanda Souza (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Submetido à defesa em sessão pública
realizada às 14h30 no dia 12/04/2019.

Comissão Julgadora:
Prof.^a Dr.^a Débora de Hollanda Souza
Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos
Prof.^a Dr.^a Ana Karina Lente Arantes

Homologada pela CPG-PPGpsi na
Reunião no dia 12/04/2019

Prof.^a Dr.^a Sabrina Mazza D'Alessandra
Vice-Coordenadora do PPGpsi

Dissertação financiada com Bolsa de Mestrado concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para Ana Carolina Messias - Processo 88882.182604/2018-01 – código de financiamento 001. A Pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Interação Social (LIS) da UFSCar e também é parte do programa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino/ INCT-ECCE (CNPq, Processo 465686/2014-1; FAPESP, Processo 2014/50909-8).

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPG - Psi) pela oportunidade de obter uma formação reconhecida por sua excelência, desde a graduação até a pós-graduação. Em segundo lugar, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, que me permitiu transformar a pesquisa, algo que me proporciona tanta felicidade, em profissão.

Em terceiro lugar, não posso me esquecer de mencionar todos os professores que tive ao longo da vida, por me inspirar e me fazer acreditar no poder transformador da educação. Dentre esses professores, um agradecimento especial a um dos meus modelos femininos de sucesso, sem o qual esse trabalho jamais seria possível: minha orientadora, Débora de Hollanda Souza. Muito obrigada por todo o carinho, paciência e ensinamentos.

Adicionalmente, gostaria de agradecer a todos os meus familiares, por sempre acreditarem em mim. Mais especificamente, àqueles familiares que também foram meus primeiros professores: meus pais. Obrigada por me ensinarem, a ler, a somar e alguns dos meus principais valores. Ainda sobre minha família, gostaria de formular um agradecimento especial para minha irmã e grande amiga: Ana Claudia Messias. Muito obrigada por ser o meu chão; queria ser metade do que você acredita que eu sou! Também não poderia esquecer minha prima Manoella Cristiane Salles, que gravou a “voz infantil” da minha pesquisa e me faz querer ser melhor todos os dias.

À direção, funcionários e professores das duas escolas onde fiz minha coleta de dados: Muito obrigada por dividirem a rotina de vocês comigo e por me receberem tão bem. Aos pais de todas as crianças: Muito obrigada por acreditarem na ciência. Às

crianças: Obrigada por contribuírem com a minha pesquisa e por deixarem meus dias mais coloridos.

Também gostaria de redigir um agradecimento caloroso para aqueles que me auxiliaram e fizeram com que toda essa jornada fosse mais leve: meus colegas do grupo de pesquisa e todos meus amigos. Dentre essas pessoas, acho importante destacar a atuação da Letícia e do Alceu, como “informantes” dos vídeos. Também gostaria de ressaltar o papel do Guilherme Vicentim Nardari, que editou meus vídeos e dividiu toda essa jornada comigo. Muito obrigada pela parceria!

Por fim, aos membros das minhas bancas de qualificação e defesa: Muito obrigada, o olhar de vocês foi imprescindível para a qualidade desse trabalho.

Sumário

Resumo	1
Abstract.....	3
Introdução.....	5
O Gênero e a Confiança Seletiva.....	11
Justificativa.....	16
Objetivos.....	18
Experimento 1.....	21
Método.....	21
<i>Participantes</i>	21
<i>Local e Materiais</i>	22
<i>Instrumentos e Procedimentos</i>	23
Codificação e Análise dos Dados	26
Resultados.....	28
Experimento 2.....	31
Método.....	31
<i>Participantes</i>	31
<i>Local e Materiais</i>	31
<i>Instrumentos e Procedimentos</i>	32
Codificação e Análise dos Dados	32
Resultados.....	33
Discussão	36
Considerações Finais	41
Referências	42
Apêndice 1	50
Apêndice 2.....	51
Apêndice 3.....	53
Apêndice 4.....	54

Messias, A. C. (2019). *Os Efeitos do Gênero e do Histórico de Informantes na Confiança Seletiva de Crianças*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 54 pp.

Resumo

Embora as crianças utilizem os testemunhos de outras pessoas para aprender, já há evidências de que elas o fazem de forma crítica, confiando seletivamente em seus informantes. A presente pesquisa investigou qual o critério preferido pelas crianças ao decidir em quem confiar seletivamente em situações de aprendizagem novas - o histórico de confiabilidade do informante ou o seu gênero. No total, participaram 63 crianças, (i.e., 32 meninos e 31 meninas), distribuídas em dois grupos de idade: 3 ($M = 3$ anos e 5 meses; $DP = 4,3$ meses) e 4 anos ($M = 4$ anos e 5 meses; $DP = 5,3$ meses). O vocabulário dos participantes foi avaliado por meio do teste de vocabulário por Imagens Peabody (TVIP) e todos participaram de uma tarefa de confiança seletiva, utilizada previamente em um estudo com crianças estadunidenses. Essa tarefa era dividida em uma fase de familiarização e uma fase teste. Durante a fase de familiarização, as crianças assistiam a cenas com dois atores (i.e., informantes) nomeando objetos conhecidos (i.e., uma lâmpada, um pote, um casaco e um cachorro). Um desses informantes era sempre do gênero masculino e o outro do gênero feminino. Os participantes foram divididos em quatro condições distintas. Na primeira (C1), o informante do gênero feminino sempre rotulava corretamente os objetos, enquanto o do gênero masculino sempre errava o nome dos objetos. Na segunda condição (C2), o informante do gênero feminino oferecia nomes errados para os objetos em todas as tentativas, mas o do gênero masculino acertava todas as vezes. Em uma terceira condição (C3), ambos os informantes ofereciam nomes corretos para os objetos. Finalmente, na quarta condição (C4), ambos os informantes rotulavam de forma errada

os quatro objetos. Na fase teste, objetos não familiares eram apresentados e cada informante era solicitado a nomeá-los (e.g., um diz “tuma” e o outro diz “danú”). O participante devia então escolher um dos dois rótulos novos para nomear o objeto desconhecido. Consistentemente com achados prévios de estudos internacionais, os resultados demonstraram uma tendência dos participantes a preferir um informante com o histórico mais confiável (75% na C1 e 68,7% na C2), independentemente do seu gênero. Adicionalmente, quando os informantes apresentam o mesmo histórico de confiabilidade, as crianças preferem o informante do mesmo gênero (53,3% em C3 e 68,75% em C4). De um modo mais abrangente, esses dados vêm se somar aos já obtidos em outros países que vêm demonstrando que mesmo crianças muito pequenas (3 anos) discriminam bons e maus informantes e recorrem aos mais confiáveis em situações novas de aprendizagem. Mais especificamente, ao contrário do que muitos acreditam, as crianças não acreditam em tudo o que ouvem. Ao mesmo tempo, o presente trabalho sugere que os julgamentos de confiança seletiva podem ser influenciados por atributos diversos dos informantes, entre eles, o gênero.

Palavras-chave: confiança seletiva, gênero, crianças pré-escolares.

Messias, A. C. (2019). *Effects of gender and informants' previous history on children's selective trust*. Master's thesis. Graduate Program in Psychology, Federal University of São Carlos, São Carlos, SP. 54 pp.

Abstract

Although children use other people's testimony to learn, recent evidence suggests they do it in a critical manner, trusting their informants selectively. The present study investigated which criterion was privileged by children when deciding whom to trust in novel learning situations – how reliable the informant has been in the past (i.e., his reliability record) or his/her gender. Sixty-three children participated in the study – 32 boys and 31 girls, and they were distributed into two age groups: 3- ($M = 3$ yrs and 5 mos; $SD = 4,3$ mos) and 4-year-olds ($M = 4$ yrs and 5 mos; $SD = 5,3$ mos). Their vocabulary was assessed by the Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT; Brazilian version) and a selective trust task, used in a previous study conducted with U.S. children, was administered. The task was divided into a familiarization phase, and a test phase. During the familiarization phase, children were presented with scenes involving two actors (i.e., informants) labeling familiar objects (i.e., a lamp, a bowl, a coat, a dog). One of these informants was always male and the other female. Participants were distributed into four different conditions. In the first condition (C1), the female informant always labeled the objects correctly, but the male informant labeled incorrectly on every trial. In the second condition (C2), the female informant provided inaccurate labels for all familiar objects, whereas the male informant labeled them accurately every time. In a third condition (C3), both informants provided correct names for the objects. Finally, in the fourth condition (C4), both informants labeled the four objects inaccurately. During the test phase, novel objects were presented and each informant was asked to label them (e.g., one names it “tuma” and the other says it is a “danu”). Results were consistent with prior findings from international studies and they suggest that children tend to prefer the more reliable informant (75% in C1 e 68,7% in

C2), regardless of gender. Additionally, when the informants have both proven to be reliable, children preferred the same gender informant (53,3% in C3 e 68,75% in C4). More broadly, these results can add to the existing data from other countries that shows that even young children (3-year-olds) discriminate good and bad informants and select the more reliable when learning something new. More specifically contrary to what many believe, children do not believe everything they hear. At the same time, the present work suggests that selective trust judgments can be influenced by different traits of informants, including gender.

Keywords: selective trust, gender, preschoolers.

Introdução

A experiência direta com diferentes aspectos do mundo real não é a única maneira utilizada pelas crianças para aprender algo novo. Elas também aprendem de forma indireta, por meio do testemunho de outras pessoas (Harris, 2012). No entanto, ao contrário de uma crença amplamente difundida pelo senso comum, crianças não são simples reprodutoras de tudo o que ouvem e não confiam incondicionalmente em todas as pessoas. Já há evidências robustas de que crianças de 3 e 4 anos selecionam cuidadosamente os informantes merecedores de seu crédito, utilizando diferentes critérios, em um processo conhecido como confiança seletiva (Koenig, Clément, & Harris, 2004; Harris, Koenig, Corriveau, & Jaswal, 2018).

Estudos prévios sugerem que as crianças rastreiam o histórico de acertos e erros para decidir se alguém é confiável ou não como fonte de informação em situações de aprendizagem novas (e.g., Corriveau & Harris, 2009; Koenig et al., 2004; Pasquini, Corriveau, Koenig, & Harris, 2007). Mais especificamente, diante de dois informantes com testemunhos distintos, crianças de apenas 3 anos já demonstram a habilidade de verificar o histórico de confiabilidade dos informantes envolvidos e utilizá-lo para embasar suas decisões sobre em quem confiar. Nesses casos, a preferência pelo informante com um histórico confiável é clara, porém quando o contraste é entre um informante com um histórico de erros e um indivíduo que declara não saber as respostas, o segundo é o escolhido (Kushnir & Koenig, 2017). Adicionalmente, quando confrontadas com afirmações incompatíveis com seus próprios conhecimentos e esses conhecimentos já estão consolidados, crianças preferem confiar em si mesmas e não no testemunho de outra pessoa (Clément, Koenig & Harris, 2004).

Entretanto, quando esses conhecimentos ainda não estão consolidados, os resultados podem ser diferentes. Em um estudo realizado por Li e Yow (2018), crianças (3 e 4 anos) foram questionadas acerca do nome de um objeto híbrido (i.e., objeto com

característica de dois objetos diferentes, sendo que um deles é dominante) e, posteriormente, assistiram um informante atribuindo um rótulo diferente daquele fornecido por elas. Os participantes poderiam escolher endossar ou não esse rótulo. De acordo com os resultados, os participantes preferiram confiar nas afirmações de pessoas com um histórico confiável, ainda que essas afirmações contrariassem suas crenças iniciais.

Butler, Schmidt, Tavassolie e Gibbs (2018) investigaram, por sua vez, se o tipo de informação (i.e., informação totalmente verificada, informação parcialmente verificada, informação não verificada) também poderia influenciar as escolhas de pré-escolares. Os participantes desse estudo (4 a 7 anos) assistiram a vídeos de informantes dizendo quais eram os conteúdos de quatro recipientes; ora esses informantes afirmavam quais eram os conteúdos tendo verificado todos os recipientes, ora eles o faziam tendo visto o interior de apenas um recipiente, ou então eles forneciam essas informações após terem se recusado a olhar dentro de qualquer recipiente. Os participantes avaliaram que as informações totalmente verificadas eram mais aceitáveis do que os outros dois tipos (parcialmente verificadas ou sem verificação). Os resultados sugerem, portanto, que crianças pequenas já demonstram uma preferência por informações que são baseadas em evidências.

Em relação aos informantes, crianças também demonstram preferência por aqueles que são conhecidos ou familiares (Corriveau & Harris, 2009). Por exemplo, quando instruídas a julgar quem é o melhor informante e as escolhas são o seu próprio professor ou um professor desconhecido, elas escolhem seu próprio professor. No entanto, se o professor conhecido começa a cometer erros, elas transferem sua preferência para o professor novo.

Crianças também são capazes de compreender que há áreas de ocupação diferentes e que o profissional de cada área possui um conhecimento específico,

especialmente quando é um conhecimento estereotipado. Por exemplo, indivíduos com apenas 3 anos já afirmam que o médico sabe mais do que um mecânico sobre como agir diante de um braço quebrado, e o mecânico possui mais conhecimento a respeito do que fazer no caso de um pneu furado (Lutz & Kiel, 2002).

Koenig e Jaswal (2011), por sua vez, instruíram os participantes (i.e., crianças de 3 e 4 anos) de sua pesquisa a escolher apenas um entre dois informantes, que apresentavam testemunhos incongruentes, em uma tarefa que envolvia dizer o nome correto de objetos. Quando precisaram nomear cachorros corretamente, as crianças demonstraram preferência clara pelos informantes que demonstravam ter muito conhecimento sobre cachorros e eram descritos como especialistas no assunto. No entanto, as crianças não mantêm essa preferência se o especialista em cachorro estiver sendo testado em outro assunto (e.g., veículos). O que é interessante é que, se um potencial informante demonstra total ignorância sobre a categoria sendo testada (e.g., cachorros), as crianças estendem esse estado de ignorância para outras categorias (e.g., veículos).

Embora as crianças entendam que alguns profissionais sabem mais sobre alguns assuntos específicos, em algumas situações, esse critério não é o mais utilizado por elas ao selecionar um informante. Landrum, Mills e Johnston (2013) recrutaram participantes com idades ente 3 e 5 anos para uma tarefa que consistia em escolher qual dos dois possíveis informantes estava nomeando objetos corretamente. Esses informantes foram descritos de acordo com sua especialidade e com a sua benevolência. A maioria das crianças optou pelos informantes descritos como bondosos e especialistas no assunto. Entretanto, quando informantes descritos como bondosos e maldosos foram contrastados, as crianças demonstraram uma preferência pelos bondosos, desconsiderando a especialidade deles.

Seguindo uma outra direção, Chen, Corriveau e Harris (2011) investigaram se crianças de 4 a 7 anos levam em consideração a opinião da maioria para decidir em quem confiar. Os participantes assistiram a vídeos com 4 informantes (cada um com uma cor de blusa diferente) sentados em frente a uma mesa, na qual estavam dispostos três brinquedos. O experimentador mostrou os brinquedos e perguntou, por exemplo, “Qual deles é o “Modi?” (pseudo-palavra). Em todas as condições, 3 dos 4 informantes apontaram para um brinquedo (formando, assim, um grupo “consensual” ou maioria) e apenas um informante apontou para um segundo brinquedo. De forma geral, as crianças demonstram inicialmente uma preferência clara pelo brinquedo indicado por um membro do grupo consensual, mas esse efeito pareceu ser moderado pelo grupo étnico ao qual os informantes pertenciam. Quando, por exemplo, na fase teste, houve um contraste entre o dissidente (que pertencia ao mesmo grupo étnico da criança) e um membro do grupo consensual (mas que era de um grupo étnico diferente do grupo do participante), o desempenho das crianças não foi diferente do esperado pelo acaso. De forma semelhante, McDonald e Ma (2016) constataram que crianças de 4 anos são mais propensas a confiar no testemunho do adulto com etnia e sotaque semelhantes ao seu.

Ainda em relação às características físicas dos informantes, Bascandziev e Harris (2014) argumentam que a beleza é outro fator que influencia a confiança seletiva das crianças. Em seu estudo, crianças de idade pré-escolar assistiam a uma série de cenas que envolviam a apresentação de um objeto desconhecido e duas informantes, uma avaliada previamente (por juízes jovens adultos) como tendo um rosto atraente e a outra avaliada como tendo um rosto pouco atraente. Em um primeiro momento, as crianças eram solicitadas a indicar para qual das duas informantes elas gostariam de pedir ajuda de forma a descobrir o nome do objeto alvo. Em seguida, cada informante fornecia um rótulo diferente para o objeto e as crianças deviam escolher um dos dois

rótulos. Apenas as crianças do gênero feminino demonstraram um padrão de preferência inicial (e.g., resposta à pergunta “Para quem você quer pedir ajuda?”) pela informante considerada mais atraente. Entretanto, quando solicitadas a escolher um dos dois rótulos, participantes de ambos os gêneros demonstraram preferência pelo rótulo fornecido pela informante previamente avaliada como mais atraente. Dois anos depois, esses mesmos autores decidiram contrastar um informante atraente com um histórico de cometer erros e um informante pouco atraente com um histórico de cometer acertos. As crianças pré-escolares recrutadas privilegiaram o informante que mais se adequava aos padrões de beleza, independentemente de seu histórico, contrariando a hipótese formulada pelos pesquisadores. (Bascandziev & Harris, 2016).

Jaffer e Ma (2015), por sua vez, investigaram se pré-escolares estariam menos inclinados a endossar os testemunhos (e.g., afirmações sobre fatos e afirmações sobre atividades físicas) de informantes obesos ou com deficiência física, quando contrastados com informantes magros e sem deficiência. As pesquisadoras ainda mediram o grau de exposição prévia das crianças a pessoas com as características de interesse do estudo. Os participantes preferiram endossar os testemunhos dos informantes magros ou sem deficiência. Adicionalmente, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as crianças com exposição prévia a pessoas obesas/ com deficiência.

Em uma outra direção, Jaswal e Neely (2006) investigaram se o grupo ao qual o informante pertence também pode influenciar a decisão de crianças de 3 e 4 anos. Quando diante de informantes igualmente confiáveis, as crianças demonstravam uma preferência clara pelos adultos em detrimento das crianças. Entretanto, em situações, por exemplo, que envolviam aprender a brincar com um novo brinquedo, o padrão de preferência mudava e os pares de mesma idade eram preferidos aos adultos (VanderBorghet & Jaswal, 2009).

No Brasil, o número de estudos investigando o desenvolvimento da confiança seletiva é limitado e os existentes ainda estão em andamento. Por exemplo, um estudo brasileiro (Souza, Koenig & Lopes 2013) foi realizado para testar uma possível associação entre o desempenho de crianças (3 e 4 anos) em uma tarefa de confiança seletiva e sua teoria da mente. Participaram dessa pesquisa 64 crianças de dois grupos socioeconômicos (i.e., de famílias de baixa renda e de classe média). Os pesquisadores avaliaram o vocabulário receptivo das crianças por meio do teste de vocabulário por imagens peabody (TVIP), utilizaram uma escala com tarefas de teoria da mente e uma tarefa de confiança seletiva padrão, baseada no procedimento de Corriveau, Meints e Harris (2009).

Durante a tarefa de confiança seletiva, as crianças assistiam a vídeos contrastando dois informantes que forneciam rótulos distintos a objetos conhecidos durante uma fase de familiarização. Posteriormente, numa fase teste, esses mesmos informantes precisavam nomear objetos nunca vistos antes pela criança (i.e., os objetos foram especialmente criados para o estudo). Os participantes foram distribuídos em duas condições distintas. Na primeira condição (incorreto x neutro), um informante errava os nomes de todos os objetos conhecidos, enquanto o outro apenas se inclinava em direção aos objetos e dizia “vou olhar mais de perto!”. Na segunda condição (correto x neutro), um informante acertava os nomes de todos os objetos conhecidos, enquanto o outro também apenas afirmava que olharia mais de perto, inclinando-se em direção aos objetos.

Os resultados preliminares revelaram uma correlação estatisticamente significativa entre o desempenho das crianças nos testes de vocabulário e tarefas de teoria da mente. Entretanto, não foi encontrada uma associação entre o desempenho das crianças nas tarefas de teoria da mente e na tarefa de confiança seletiva. Esses achados

são inconsistentes com dados de estudos prévios que parecem sugerir uma associação entre teoria da mente e confiança seletiva (e.g., Corriveau et al., 2009).

Em resumo, há evidências de que diferentes aspectos dos informantes influenciam as decisões de confiança seletiva das crianças: histórico de confiabilidade, especialidade, idade, benevolência, beleza e etnia. Uma variável ainda não estudada com crianças brasileiras é o gênero dos informantes. Será que as crianças preferem confiar em um informante do mesmo gênero que o delas, quando há evidências de que ele/ela tem um histórico igualmente confiável ao de um informante de outro gênero?

O Gênero e a Confiança Seletiva

Hirata, Laborie, Doaré e Senotiere (2009) definem o gênero como um conjunto de normas impostas às pessoas para que possam ser considerados homens sociais e mulheres sociais. As autoras também afirmam que essa construção social normativa está relacionada a uma supervalorização das diferenças biológicas (e.g., órgãos sexuais, hormônios, papel na reprodução) entre os indivíduos do gênero feminino e masculino. Algumas das consequências dessa construção social podem ser ilustradas por diferenças na vestimenta, comportamentos, atitudes e, principalmente, na desigualdade de acesso a recursos.

Esse conjunto de atribuições consideradas adequadas para cada um dos gêneros é algo tão presente em nossa sociedade que, aos 2 anos, crianças já são capazes de distinguir o gênero feminino e o masculino, conseguem identificar seu próprio gênero, além de classificar artefatos (e.g., roupas e objetos) de acordo com os estereótipos disseminados pela cultura (Thompson, 1975). Há evidências também de que os estereótipos influenciam a compreensão da criança pequena sobre ocupações/profissões. Meninas interessam-se mais pelas profissões tipicamente associadas ao gênero feminino e os meninos demonstram preferência pelas ocupações masculinas (Liben, Bigler, &

Krogh, 2001). No entanto, crianças de ambos os gêneros conferem um status maior às ocupações mais associadas ao gênero masculino (Archer, 1984). Por outro lado, há evidências de que os meninos são mais punidos quando se engajam em brincadeiras e atividades inconsistentes com o previsto pelos papéis sociais (e.g., “casinha”) do que quando as meninas se engajam em brincadeiras consideradas tipicamente masculinas (cf., Langlois & Downs, 1980).

As crianças preferem também manter relações mais próximas com colegas do mesmo gênero (Maccoby, 1988). Indivíduos com idades entre 8 e 10 anos atribuem um maior número de características positivas a crianças desconhecidas que são do mesmo gênero que o delas, em comparação às de gênero diferente. Eles também optam pelo par do mesmo gênero, ao receberem a instrução para formar duplas para cumprir uma tarefa cooperativa (e.g., montar quebra-cabeças), em um grupo composto por dois meninos e duas meninas (Maccoby, 1988; Powlishta, 1995a; Powlishta, 1995b).

Em relação ao gênero e à confiança seletiva, Boseovski, Hughes e Miller (2016) investigaram se crianças de dois grupos de idade - 4 a 5 e 6 a 8 anos - estavam dispostas a confiar em informantes com interesses que contrariam os estereótipos de gênero. Para isso, os experimentadores apresentaram histórias em que um desses informantes era especialista no assunto, mas seu gênero não condizia com o estereótipo (e.g., menino especialista em costura), enquanto o outro informante era um leigo, mas seu gênero condizia com o estereótipo (e.g., menina leiga em costura). Os participantes também receberam a informação de que esses informantes estavam trabalhando juntos em um projeto e discordavam em um aspecto importante (e.g., tipo de agulha a ser utilizada para fazer uma camisa – “agulha de estiramento” ou “agulha de cunha”).

De maneira geral, a maior parte das crianças endossou as informações ditas pelos especialistas, independentemente do gênero. As crianças mais velhas também demonstraram maior interesse em aprender com eles. Entretanto, as crianças mais

jovens afirmaram preferir aprender com os informantes do mesmo gênero que o delas. Esse mesmo padrão foi encontrado para os dois grupos de idade, nas questões sobre a afinidade das crianças com os informantes.

Ma e Woolley (2013), por sua vez, investigaram se a confiança seletiva de crianças de 4 e 6 anos pode ser influenciada pelo gênero dos informantes ou por estereótipos de gênero em situações novas de aprendizagem. Sessenta e quatro crianças de 4 e 6 anos participaram dessa pesquisa. Em uma condição, os participantes observavam homens e mulheres adultos rotulando objetos; em uma segunda condição, as crianças eram expostas ao testemunho de outras crianças (i.e., não adultos) dos gêneros feminino e masculino. Para observar possíveis influências dos estereótipos de gênero, os objetos foram selecionados em três cores: rosa, azul e amarelo. Os testemunhos eram gravados em áudio e pareados com fotos dos respectivos informantes.

Os resultados de Ma e Woolley (2013) revelaram uma preferência significativa dos participantes pelos informantes do mesmo gênero que o deles, independentemente da condição (i.e., se os informantes eram adultos ou crianças). Além disso, quando as crianças foram solicitadas a pedir ajuda a um dos dois informantes sobre os novos objetos, suas escolhas foram influenciadas pela cor dos objetos, ou seja, preferiram pedir ajuda à informante do gênero feminino se o objeto era da cor rosa e ao informante do gênero masculino, se o objeto era da cor azul.

Taylor (2013) também investigou uma possível influência do gênero do informante sobre a confiança seletiva de crianças e os efeitos da estereotipia do próprio indivíduo sobre a sua escolha por um informante. Participaram do estudo 325 crianças, com idades entre 4 e 7 anos, que eram solicitadas a escolher o informante que julgassem mais adequado em uma tarefa de nomeação de objetos. Havia dois possíveis informantes, um do gênero feminino e um do gênero masculino, apresentados para os

participantes em vídeos. Antes da fase de testes com objetos desconhecidos, foi conduzida uma fase de familiarização com objetos conhecidos, que possibilitou que os participantes obtivessem acesso ao histórico de confiabilidade dos possíveis informantes. Os resultados demonstraram uma preferência das crianças pelo informante que se mostrou confiável no passado, independentemente do gênero. No entanto, quando ambos possuíam o mesmo histórico, os resultados sugeriam uma preferência clara por informantes do mesmo gênero que o dos participantes. Finalmente, foi possível observar que as meninas que demonstraram maior interesse por objetos considerados femininos também selecionaram com maior frequência a informante mulher, mesmo quando ela havia se mostrado pouco confiável. Essa mesma relação não foi observada nos meninos.

Embora o campo de estudos sobre o desenvolvimento da confiança seletiva tenha crescido muito na última década (Harris et al., 2018), a revisão da literatura indicou a existência de apenas dois estudos estadunidenses (i.e., Ma & Wooley, 2013; Taylor, 2013) investigando especificamente os efeitos do gênero na confiança seletiva de crianças em situações novas de aprendizagem. Não foi encontrado qualquer registro de estudos brasileiros sobre o desenvolvimento da confiança seletiva, mas a temática dos efeitos dos estereótipos de gênero sobre as escolhas e preferências de crianças pequenas tem sido investigada por pesquisadores brasileiros (e.g., Cerqueira-Santos & Bourne, 2015; Viviani, 2017).

Cerqueira-Santos e Bourne (2015) investigaram a estereotipia e a segregação de gênero nas brincadeiras de crianças adotadas por casais homoparentais canadenses. O procedimento consistiu no registro de observação naturalística de 13 crianças (com idades entre 3 e 7 anos) enquanto brincavam em uma sala, sem a interferência de adultos. Os resultados demonstraram que houve segregação de gênero durante as brincadeiras. Por exemplo, os autores destacam o caso de um menino que impediu uma

menina de participar de um jogo de baseball fictício, alegando tratar-se de um campeonato da liga masculina. Entretanto, as brincadeiras parecem não ter sido influenciadas pelos estereótipos de gênero, com meninos escolhendo brincadeiras socialmente rotuladas como femininas e meninas escolhendo brincadeiras “de menino”.

Em uma direção semelhante, Viviani (2017) investigou se existia associação entre o nível de estereotipia de crianças e suas preferências por desenhos infantis. Cinquenta e duas crianças pré-escolares (4 e 5 anos) foram avaliadas por meio de três instrumentos diferentes: uma versão traduzida da *Preschool Occupation, Activities, and Traits Scale* (POAT), uma entrevista semiestruturada sobre preferência por desenhos familiares e uma Avaliação de Preferência de Escolha Pareada.

A escala POAT mede o nível de estereotipia das crianças, mais especificamente, mede o quanto uma criança se interessa por atividades típicas do seu gênero (e.g., cozinha de brinquedo) e se ela acredita que algumas atividades profissionais podem ser realizadas apenas pelas pessoas com o gênero condizente com o esperado culturalmente para essa atividade (e.g., homens podem dirigir caminhões e mulheres não). A entrevista semiestruturada, por sua vez, incluía perguntas sobre o desenho e filme favoritos das crianças, bem como uma justificativa para essas escolhas. Por fim, uma Avaliação de Preferência de Escolha Pareada foi realizada com a ajuda de um software que permitia que as crianças hierarquizassem nove curtas em termos de preferência (do mais desejado ao menos desejado), sendo três tipicamente femininos, três tipicamente masculinos e três neutros.

Os dados obtidos com a avaliação do POAT revelaram que crianças pré-escolares brasileiras ainda são muito estereotípicas. Adicionalmente, 46,1% das meninas e 52,1% dos meninos escolheram filmes/desenhos familiares condizentes com os estereótipos de gênero. Em relação aos curtas desconhecidos, 58% das meninas e 65% dos meninos demonstraram uma preferência por aqueles que eram condizentes com

esses estereótipos. Finalmente, análises estatísticas revelaram uma associação significativa entre o nível de estereotipia e a preferência das crianças pelos filmes/desenhos conhecidos. Ou seja, quanto mais estereotípica era a criança, maior o seu interesse por filmes/desenhos familiares condizentes com os estereótipos de gênero.

Justificativa

A pesquisa sobre o desenvolvimento da confiança seletiva tem ganhado muito destaque na Psicologia do Desenvolvimento nos últimos anos e tem avançado o conhecimento sobre um aspecto importante do desenvolvimento sociocognitivo: como as crianças selecionam suas fontes de informação em situações de aprendizagem. Como nos lembram Harris et al. (2018, p. 265):

A pesquisa sobre como as crianças aprendem com o testemunho tem progredido em duas direções distintas. Primeiramente, com base nos primeiros achados empíricos, pesquisadores têm conduzido uma análise intensa da chamada confiança seletiva – a tendência de crianças e, de fato, bebês a favorecer as afirmações de um informante em detrimento de outro, especialmente à luz dos seus distintos históricos de confiabilidade. Em segundo lugar, os pesquisadores têm explorado um ponto conceitual chave que é o de que há muito sobre o mundo que as crianças não podem observar diretamente. Assim, é apropriado que eles consultem outras pessoas sobre esse terreno vasto e não observável.

No entanto, mais estudos investigando o papel de diferentes características do informante ou do contexto de aprendizagem sobre os julgamentos de confiança seletiva são necessários. Considerando o ainda limitado número de estudos nacionais e internacionais sobre o papel do gênero (e de estereótipos de gênero) nos julgamentos de confiança seletiva de crianças, essa linha de investigação parece bastante promissora.

Como apontado por Hirata et al. (2009), as diferenças de gênero podem produzir desigualdade social entre homens e mulheres. Adicionalmente, crianças muito pequenas já sabem o que é esperado de cada gênero (Thompson, 1975); muitas apresentam um nível de estereotipia elevado (Viviani, 2017); viés de gênero (Maccoby, 1988; Powlishta, 1995a; Powlishta, 1995b; Ma & Wooley, 2013); e, em alguns casos, atribuem maior status a profissões consideradas masculinas (Archer, 1984). Nesse contexto, o presente estudo foi elaborado com dois objetivos principais: contribuir para o avanço da linha de investigação sobre confiança seletiva em crianças brasileiras; e tentar ajudar a esclarecer como a variável gênero pode influenciar os julgamentos de confiança seletiva dessas crianças.

Objetivos

O objetivo principal do presente estudo é o de testar os efeitos do gênero e do histórico de confiabilidade do informante no desempenho de crianças brasileiras em uma tarefa de confiança seletiva. De forma consistente com achados prévios com crianças norte-americanas e europeias, espera-se que as crianças brasileiras também demonstrem um padrão de preferência pelos informantes com um histórico mais confiável. No entanto, quando instruídos a escolher entre dois informantes com o mesmo histórico, é esperado que os participantes selecionem o informante do mesmo gênero que o deles. O segundo objetivo é testar possíveis efeitos de idade no padrão de preferência apresentado pelas crianças na tarefa de confiança seletiva, assim como uma possível interação entre idade e gênero. É possível que a força do efeito de gênero do informante sobre o desempenho na tarefa de confiança seletiva seja diferente para crianças de faixas etárias distintas.

Para tanto, uma tarefa de confiança seletiva foi utilizada em dois experimentos distintos, cada um com duas condições diferentes. Nos dois experimentos crianças de ambos os gêneros, com 3 e 4 anos, precisavam escolher um de dois informantes (i.e., um homem e uma mulher). Esses dois grupos de idade foram escolhidos por serem os dois grupos mais utilizados em estudos clássicos de confiança seletiva.

No primeiro experimento deveriam escolher entre um informante com um histórico de acertos e um informante com um histórico de erros. Na condição um (C1), o informante com o histórico de acertos era a mulher e o informante com o histórico de erros era o homem, enquanto na condição dois (C2) ocorria o contrário. Dessa forma, era possível investigar se as crianças preferiam os informantes com um histórico de acurácia.

No segundo experimento, as crianças da condição três (C3) viam os dois informantes fornecendo rótulos corretos (ambos eram confiáveis), enquanto as crianças da condição quatro (C4) viam os dois informantes fornecendo rótulos incorretos (ambos não confiáveis). Assim, foi possível testar se nessas duas condições, o gênero fala mais alto, ou seja, se as crianças então recorrem ao informante do mesmo gênero que o seu.

É importante destacar que, para ambos os experimentos, uma versão adaptada da tarefa de confiança seletiva de Taylor (2013) foi utilizada. As principais diferenças entre o presente estudo e o estudo da pesquisadora estadunidense foram:

- a. Taylor recrutou crianças com idades entre 4 e 7 anos. Diferentemente da autora, na presente amostra, foram incluídas crianças de 3 anos e não foram incluídas crianças de 5, 6 e 7 anos. Essa alteração foi realizada para possibilitar a observação do padrão de resposta de crianças mais jovens (i.e., 3 anos) e uma posterior comparação com o padrão apresentado pelas crianças mais velhas (i.e., 4 anos).
- b. A amostra de Taylor foi de 325 crianças, enquanto a amostra do presente estudo foi de 64 crianças. Essa foi uma adaptação necessária para possibilitar a realização da coleta de dados no período de dois anos previsto para o Mestrado.
- c. Taylor não utilizou nenhuma medida de vocabulário em seu estudo. No presente estudo, optou-se pela introdução de uma medida de vocabulário receptivo, o *Teste de vocabulário por Imagens Peabody (TVIP)* (Capovilla e Capovilla, 1997). Essa medida de vocabulário foi incluída em razão das evidências de associações entre desenvolvimento sociocognitivo e linguagem. No estudo de Souza (2006), por exemplo, crianças com bons escores em tarefas de linguagem também obtiveram um bom desempenho em tarefas de desenvolvimento sociocognitivo.
- d. Taylor (2013) utilizou o *Preschool Occupation, Activities, and Traits Scale (POAT)*, instrumento que mede o nível de estereotipia das crianças. Em função do tempo disponível para coleta de dados, essa escala não foi utilizada no presente estudo.

e. No estudo original, uma voz feminina perguntava aos informantes o nome dos objetos. Diferentemente, optou-se por utilizar, no presente estudo, uma voz infantil, que não pudesse ser caracterizada como de nenhum gênero específico. Essa adaptação foi realizada com o objetivo de evitar possíveis vieses nas respostas dos participantes.

f. Durante a fase de familiarização, Taylor utilizou objetos neutros, tipicamente masculinos e tipicamente femininos. No presente estudo, foram utilizados apenas objetos neutros, para reduzir a quantidade de variáveis, tornando possível um maior controle experimental.

Experimento 1

Os participantes deste experimento foram distribuídos aleatoriamente em duas condições distintas, de acordo com o histórico dos informantes durante a fase de familiarização da tarefa de confiança seletiva. Na primeira condição (C1), a informante do gênero feminino nomeava corretamente os quatro objetos dessa fase, enquanto o informante do gênero masculino fornecia respostas erradas em todas as tentativas. Já na segunda condição (C2), o informante do gênero masculino nomeava os quatro artefatos dessa fase corretamente, enquanto a informante do gênero feminino cometia erros em todas as tentativas. Dezesesseis crianças foram alocadas na C1 e dezesesseis na C2.

A pesquisadora optou por esses dois grupos de idade (i.e., 3 e 4 anos) por serem os selecionados em estudos clássicos de confiança seletiva (e.g., Corriveau & Harris, 2009; Jaswal & Neely, 2006; Koenig et al., 2004). Todos os participantes foram recrutados em dois Centros de Educação Infantil, localizados em um bairro periférico de uma cidade do interior de São Paulo. As crianças que não possuíam idades condizentes com a planejada para o estudo, de desenvolvimento atípico, ou que não foram capazes de responder todas as perguntas da tarefa de confiança seletiva foram excluídas do estudo.

Método

Participantes

Trinta e três crianças participaram desse experimento, entretanto, uma delas não foi capaz de escolher rótulos para os objetos (i.e., responder as perguntas de nomeação), portanto não teve seus dados contabilizados. O número final de participantes desse experimento foi 32, 16 meninos e 16 meninas, de dois diferentes grupos de idade: 3 anos ($n = 16$; $M = 3$ anos e 6 meses; $DP = 4,5$ meses) e 4 anos ($n = 16$; $M = 4$ anos e 6 meses; $DP = 4,1$ meses). A pesquisadora optou por esses dois grupos de idade (i.e., 3 e 4

anos) por serem os selecionados em estudos clássicos de confiança seletiva (e.g., Corriveau & Harris, 2009; Jaswal & Neely, 2006; Koenig et al., 2004).

Todos os participantes foram recrutados em dois Centros de Educação Infantil, localizados em um bairro periférico de uma cidade do interior de São Paulo. As crianças que não possuíam idades condizentes com a planejada para o estudo, de desenvolvimento atípico, ou que não foram capazes de responder todas as perguntas da tarefa de confiança seletiva foram excluídas do estudo.

Local e Materiais

A coleta de dados dessa pesquisa ocorreu em uma sala reservada nas escolas onde os participantes foram recrutados. Essas salas foram equipadas com uma câmera filmadora, uma mesa e duas cadeiras – uma para a pesquisadora e outra para o participante.

Para a tarefa de confiança seletiva (TCS), a pesquisadora utilizou um notebook, posicionado sobre a mesa, para exibição dos vídeos. Quatro objetos utilizados na tarefa de confiança seletiva eram conhecidos: uma lâmpada, um pote, um casaco e um cachorro de pelúcia (Figura 1).



Figura 1. Objetos conhecidos

Quatro objetos eram desconhecidos: artefatos com formatos diferentes (Figura 2). Esses objetos e os rótulos deles (Apêndice 4) já haviam sido utilizados em estudos prévios do grupo de pesquisa do qual a pesquisadora faz parte (e.g., Souza et al., 2013).



Figura 2. Objetos desconhecidos

Instrumentos e Procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (Anexo 1) e da Secretaria de Educação da cidade onde foi realizada a coleta, a pesquisadora entrou em contato com a direção das escolas. Na primeira instituição, ela apresentou o projeto para os professores em uma reunião. Já na segunda, ela conversou com cada um deles individualmente. Com a autorização e o apoio desses funcionários, uma carta (Apêndice 1) e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2) foram entregues a cada um dos responsáveis nos horários em que eles iam levar, ou buscar seus filhos. Em seguida, a experimentadora passou duas semanas nas escolas, com o objetivo de se familiarizar com os horários e com as próprias crianças. Essa familiarização incluía estar presente durante as atividades em sala, nos momentos de brincadeira ao ar livre e nas refeições.

Após estar familiarizada com as crianças e com a rotina das escolas, teve início a coleta de dados. Cada sessão experimental envolvia duas tarefas: o teste de vocabulário por imagens peabody (TVIP), cuja aplicação tinha duração aproximada de 15 minutos e a tarefa de confiança seletiva, que também durava aproximadamente 15 minutos.

Teste de vocabulário por imagens peabody (TVIP). A versão utilizada nesse experimento foi a versão traduzida e adaptada para o português por Capovilla e Capovilla (1997). Esse instrumento mede o vocabulário receptivo das crianças. A pesquisadora apresentava um caderno, uma página por vez. Em cada página, havia

quatro figuras. A pesquisadora dizia uma palavra e solicitava ao participante que apontasse para a figura correspondente à palavra dita. O critério de encerramento do teste era a criança cometer seis erros em oito tentativas consecutivas.

Tarefa de confiança seletiva (TCS). A tarefa de confiança seletiva consistia na apresentação de diferentes cenas envolvendo dois atores universitários com a mesma etnia. Era composta por uma fase de familiarização (quatro tentativas) e uma fase teste (quatro tentativas). Durante as quatro tentativas da fase de familiarização, uma voz de criança reproduzida por uma caixa de som perguntava para os dois outros atores (i.e., os informantes) se eles sabiam o nome de objetos conhecidos. Um informante era sempre do gênero feminino e o outro do gênero masculino. Durante as quatro tentativas teste, a mesma voz perguntava aos mesmos atores se eles sabiam o nome de objetos desconhecidos (Figura 3).



Figura 3. Foto dos dois informantes em uma tentativa de familiarização (objeto conhecido é a lâmpada) e em uma tentativa teste (objetos desconhecidos).

A informante do gênero feminino sempre vestia uma camiseta branca; já o informante do gênero masculino vestia uma camiseta preta. Nenhum pronome ou flexão indicativo/a de gênero foi utilizado quando havia alguma referência aos informantes. Eles eram referidos como pessoa de camiseta branca e pessoa de camiseta preta.

A fase de familiarização envolvia, portanto, a apresentação dos vídeos das quatro tentativas com objetos conhecidos pelas crianças (e.g., lâmpada, pote, casaco, cachorro de pelúcia). Quando estavam dentro da sala, em frente ao computador, a experimentadora fornecia as seguintes instruções a respeito da tarefa:

Olha, eu vou te mostrar nesse computador um vídeo com duas pessoas. No vídeo, essas pessoas vão dizer algumas coisas e eu quero que você preste muita atenção ao que elas dizem, ok? Depois, eu vou te fazer algumas perguntas sobre o que vamos assistir. Se você não entender alguma coisa ou quiser me perguntar algo, é só dizer.

Em cada cena apresentada (i.e., cada tentativa), um homem e uma mulher estavam sentados em frente a uma mesa com um dos quatro objetos selecionados no centro. O homem estava sentado à direita da mesa e a mulher à esquerda. Em seguida, os informantes ouviam uma pergunta reproduzida em uma caixa de som: “Você sabe o nome disso?” e cada um deles respondia em ordem contrabalanceada o nome dos objetos (ver respostas em todas as condições no Apêndice 3). Ao final de cada tentativa, com as fotografias dos dois informantes na tela do computador, a pesquisadora repetia os rótulos na ordem em que foram ditos e perguntava para a criança se algum deles disse algo errado. Diante de um erro, ou da ausência de resposta, ela corrigia, ou fornecia a resposta correta. Por fim, após as quatro tentativas de familiarização, a pesquisadora perguntava: “Essas pessoas disseram muitas coisas. Você acha que alguma delas disse algo errado? Quem?” Não havia qualquer tipo de feedback para essa pergunta.

Após a fase de familiarização, havia quatro tentativas teste, envolvendo a apresentação apenas de objetos desconhecidos. A pesquisadora apresentava um objeto à criança na tela do computador e perguntava: “Como é o nome disso?”. Caso a criança dissesse um nome para o objeto, ela dizia: “Na verdade esse não é o nome correto. Mas

há duas pessoas no vídeo a seguir que podem te ajudar!”. Caso a criança afirmasse não saber o nome do objeto, a pesquisadora apenas dizia: “Existem duas pessoas no vídeo a seguir que podem te ajudar!”. Uma imagem dos dois informantes aparecia na tela e a pesquisadora então fazia a pergunta que media a preferência da criança: “Para qual dessas duas pessoas você quer pedir ajuda?” A experimentadora então perguntava por que a criança havia selecionado aquela pessoa.

Em seguida, independentemente da escolha do participante, a pesquisadora informava que ele veria, em seguida, essas duas pessoas dizendo o nome do objeto alvo. Por exemplo, o informante com a camiseta preta dizia: “Isso é um zédi!” e a informante com a camiseta branca dizia “Isso é um poquí!”. A ordem de quem rotulava o objeto primeiro também era contrabalanceada.

Posteriormente, a pesquisadora fazia a pergunta de nomeação do objeto: “A pessoa de camisa preta disse que isso é um “zédi” e a pessoa de camisa branca disse que isso é um “poquí”. Como você acha que isso se chama?”. Após as respostas da criança, a pesquisadora dava prosseguimento à tarefa, apresentando o próximo vídeo com o objeto seguinte referente à próxima tentativa, até que os quatro objetos fossem apresentados e nomeados pela criança. Por fim, após todas as tentativas teste, com as fotos dos informantes na tela do computador, duas perguntas de julgamento explícito foram feitas aos participantes: 1. “A pessoa que estava usando a camiseta preta foi boa ou não foi boa em responder as perguntas?”; 2. “A pessoa que estava usando a camiseta branca foi boa, ou não foi boa em responder as perguntas?”.

Codificação e Análise dos Dados

Ao longo das sessões experimentais, a pesquisadora pontuava as respostas das crianças em folhas de registro específicas para cada uma das tarefas. De maneira geral, durante o teste de vocabulário (TVIP), a experimentadora somava o número de acertos

de cada participante após os oito acertos consecutivos (i.e., basal) mais próximos do último item respondido (i.e., item de teto). Nos casos em que a criança não atingia o mínimo de oito acertos consecutivos, o primeiro item era automaticamente considerado como o basal e o escore final bruto era a soma de todos os acertos do item basal ao item teto (Dunn, Padilla, Lugo, & Dunn, 1986).

Para calcular os escores dos participantes na tarefa de confiança seletiva, critérios de pontuação distintos foram utilizados para cada condição. Os participantes da primeira condição recebiam, em cada tentativa teste, um escore 0 se escolhessem o informante do gênero masculino (informante não confiável) e um escore 1 se escolhessem o informante do gênero feminino (informante com histórico confiável). Na segunda condição, as crianças obtinham um escore 1 em cada tentativa se escolhessem o informante do gênero masculino (confiável) e 0, se escolhessem o informante do gênero feminino (não confiável). O escore de preferência (0 a 4 pontos) era a soma dos pontos obtidos nas quatro tentativas para a pergunta “Para qual dessas pessoas você quer pedir ajuda?” e o escore de nomeação (0 a 4 pontos) era a soma dos pontos obtidos para a pergunta de nomeação “ Como você acha que isso se chama?”.

As perguntas finais de julgamento explícito diferiam das outras, uma vez que, nas perguntas após cada tentativa, a criança precisava escolher o rótulo fornecido por um dos dois informantes, enquanto, nas de julgamento explícito, ela precisava apenas avaliar se cada informante tinha sido bom ou não para dizer o nome das coisas. Por essa razão, um terceiro escore foi atribuído para o julgamento explícito. Na primeira condição (C1), era esperado que as crianças dissessem que a informante do gênero feminino era boa para responder as questões e que o informante do gênero masculino era ruim. O escore de julgamento explícito podia variar, portanto, de 0 a 2 pontos. Para obter esse escore na segunda condição (C2), os participantes deveriam dizer que o

informante do gênero masculino era bom para nomear os objetos e que a informante do gênero feminino era ruim.

Inicialmente, análises descritivas do desempenho das crianças no TVIP e na tarefa de confiança seletiva foram realizadas. As análises estatísticas realizadas foram: a) um teste Kolgomorov-Smirnov (KS) para determinar a normalidade da distribuição dos escores totais de confiança seletiva; b) análises de variância (ANOVA) para testar possíveis efeitos de idade e ordem de apresentação dos informantes; c) um teste de correlação de Pearson para testar a associação entre o escore do TVIP e o desempenho na tarefa de confiança seletiva; d) testes t de uma amostra para testar se o desempenho dos participantes em cada condição foi diferente do esperado pelo acaso; e) uma análise de distribuição de frequência das escolhas das crianças em cada condição.

Resultados

A Tabela 1 apresenta os escores médios e desvios padrão do desempenho das crianças de cada condição no TVIP e TCS.

Tabela 1.

Dados descritivos do desempenho das crianças da C1 e C2 no TVIP e na TCS

	TVIP	TCS
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
C1 (n=16)	29,8 (15,3)	5,2 (1,9)
C2 (n=16)	26,1 (14,8)	5,8 (1,6)

Um Teste Kolgomorov-Smirnov (KS) foi realizado para verificar a normalidade da distribuição dos escores dos participantes na tarefa de confiança seletiva. As distribuições dos escores nas condições 1 e 2 eram normais, $D(16) = 0,21, p > 0.05$ e $D(16) = 0,19, p > 0.05$. Em seguida, uma análise de variância (ANOVA) preliminar (para as condições 1 e 2) foi realizada para testar possíveis efeitos de idade e de ordem

de apresentação dos informantes. Não foram encontrados efeitos significativos das duas variáveis e nem interações significativas. Por essa razão, as variáveis idade e ordem de apresentação foram removidas das análises subsequentes. Adicionalmente, uma análise de correlação de Pearson revelou que os escores de vocabulário (TVIP) não estavam associados ao desempenho das crianças na tarefa de confiança seletiva, $r = 0,17$, $p > 0,05$.

Para testar se o desempenho dos participantes das condições 1 e 2 foi diferente do esperado pelo acaso, testes t de uma amostra foram realizados. Como pode ser observado na Tabela 2, o desempenho das crianças tanto da C1 como da C2 foi acima do esperado pelo acaso.

Tabela 2.

Escores médios, resultado do teste t de uma amostra e tamanho do efeito por condição e tipo de pergunta

	C1			C2		
	Média (DP)	t	d	Média (DP)	t	d
Preferência (0 a 4 pts)	2,8 (1,4)*	- 3,7	- 1,2	3,0 (1,0)*	- 3,8	- 1,0
Nomeação (0 a 4 pts)	2,3 (1,0)**	- 7,0	- 1,8	2,8 (0,8)**	- 6,5	- 0,7
Julgamento						
Explícito (0 a 4 pts)	2,7 (1,7)*	- 3,1	- 1,3	2,4 (1,5)*	- 4,3	- 1,1
Total (0 a 12 pts)	7,9 (3,2)*	2,4	0,6	8,2*	3,1	0,8

* $p < 0,05$ e ** $p < 0.001$

Nota: Os escores de Julgamento Explícito foram multiplicados por 2 para facilitar a comparação com os escores de preferência e nomeação.

Uma ANOVA univariada testou possíveis efeitos do gênero do participante e da condição no desempenho das crianças na TCS (escore total: preferência, nomeação e julgamento explícito; máximo de 12 pontos). Não foram encontrados efeitos significativos de gênero ou condição e nem uma interação entre esses dois fatores ($p_s > 0,05$).

Finalmente, foi realizada uma análise de distribuição de frequência das respostas (escolhas das crianças) às perguntas de preferência e nomeação com o objetivo de testar possíveis diferenças entre as condições 1 e 2. Na Tabela 3, é possível observar a proporção de crianças de C1 e C2 que mostraram uma preferência pelo informante menos confiável (escores de 0 a 3; máximo 8 pontos); a de crianças que ficaram indecisas (ora escolhiam o informante confiável e ora escolhiam o informante não confiável; 4 pontos de um total de 8 pontos) e finalmente, a proporção de crianças que mostraram uma preferência clara pelo informante mais confiável (5 a 8 pontos, sendo a pontuação máxima 8).

Tabela 3.

Distribuição de frequência dos padrões de escolha na C1 e C2

Condição/ Escolhas	Preferência pelo menos confiável		Indecisas		Preferência pelo mais confiável	
	n	%	n	%	n	%
C1	2	12,5%	2	12,5%	12	75%
C2	0	0%	5	31,3%	11	68,7%

Como pode ser observado na Tabela 3, 75% das crianças na C1 e 68,7% na C2 deram preferência ao informante que se mostrou confiável nas tentativas de familiarização (informante do gênero feminino na C1 e do gênero masculino na C2). A porcentagem de crianças indecisas foi 12,5% em C1 e 31,3% em C2. Apenas duas crianças no total preferiram o informante menos confiável e elas eram de C1 (12,5%).

Experimento 2

Método

Assim como no experimento 1, os participantes desse experimento foram distribuídos aleatoriamente em duas condições diferentes (C3 e C4). Na terceira condição (C3), os informantes forneciam nomes distintos, mas corretos dos quatro objetos (e.g., casaco vs. blusa de frio). Na quarta condição (C4), os informantes dos dois gêneros davam nomes incorretos para os quatro objetos, ou seja, os dois não se mostravam confiáveis.

Participantes

Participaram inicialmente desse experimento 33 crianças, duas delas não conseguiram responder as perguntas de nomeação, e por essa razão, seus dados não foram computados. O número final de participantes, portanto, foi 31, sendo 16 meninos e 15 meninas. Dentre essas crianças, 15 eram do grupo de 3 anos ($M= 3$ anos e 6 meses; $DP= 4,1$ meses) e 16 do grupo de 4 anos ($M= 4$ anos e 6 meses; $DP= 3,4$ meses). Os critérios de recrutamento e seleção dos participantes desse experimento foram os mesmos do experimento 1.

Local e Materiais

As instituições onde o experimento 2 foi realizado foram as mesmas do experimento 1. Os materiais utilizados no experimento 2 também foram os mesmos do experimento 1. Para as quatro tentativas da fase de familiarização, objetos foram cuidadosamente selecionados por aceitarem pelo menos dois rótulos (i.e., lâmpada x luz, pote x tigela, casaco x blusa, e cachorro x cão).

Instrumentos e Procedimentos

Os instrumentos e procedimentos desse experimento são os mesmos utilizados no primeiro. Assim como na fase de familiarização de C1 e C2, a experimentadora inicialmente apresentava a fotografia de um objeto conhecido na tela do computador e perguntava se a criança sabia o nome dele. Diferentemente de C1 e C2, no entanto, quando diante de uma resposta correta (e.g., “É um cachorro!”), a experimentadora consequenciava a criança (e.g., “Isso! Muito bem!”), mas acrescentava que ele também poderia receber outro nome (e.g., “cão”). E diante de uma resposta incorreta, ou na ausência de resposta, ela fornecia os dois rótulos possíveis para aquele objeto. A intenção desse procedimento era evitar que as crianças achassem que um informante não era confiável apenas porque ele/ela escolheu um rótulo menos utilizado por elas.

De forma semelhante, durante a fase de familiarização de C4, ao final de cada tentativa, a experimentadora também repetia os rótulos ditos por cada informante na ordem, perguntava se algum deles havia dito algo errado. Quando a criança dizia que não, ou quando apontava apenas para um dos informantes, a experimentadora fazia uma correção dizendo que as duas pessoas haviam cometido erros.

Codificação e Análise dos Dados

A cada tentativa teste, os participantes da C3 (ambos confiáveis) e da C4 (nenhum confiável) recebiam 1 ponto quando escolhiam o informante com o mesmo gênero que o deles e um score 0, quando escolhiam o informante do outro gênero. Como em cada tentativa, a experimentadora fazia uma pergunta de preferência (“Para quem você pedir ajuda?”) e uma de nomeação (“Qual é o nome desse objeto?”), o score total baseados nas respostas a essas perguntas variou de 0 a 8 pontos.

Para pontuar as respostas às perguntas julgamento explícito (“X/ Y era bom ou não era bom para dizer os nomes das coisas?”), utilizou-se o seguinte critério: em C3, o

participante recebia 2 pontos se dissesse que os dois informantes eram bons, 1 ponto se afirmasse que apenas um deles era bom e 0 ponto se dissesse que os dois não eram bons. Em C4, a lógica era a inversa (pontuar quando o informante fosse considerado ruim e não pontuar quando ele fosse considerado bom).

Resultados

Seguindo a mesma sequência da apresentação dos resultados do experimento 1, uma análise inicial descritiva dos dados será apresentada e, posteriormente, os resultados das análises estatísticas selecionadas. A Tabela 4 apresenta os escores médios (e desvios padrão) obtidos no TVIP e na TCS pelas crianças de C3 e C4.

Tabela 4.

Dados descritivos do desempenho das crianças da C3 e C4 no TVIP e na TCS

	TVIP	TCS
	Média (DP)	Média (DP)
C3 (n=15)	23,3 (10,0)	4,8 (2,3)
C4 (n=16)	29,8 (19,3)	5,4 (2,0)

O teste Kolmogorov-Smirnov (KS) revelou que as distribuições dos escores em C3 (ambos confiáveis) e em C4 (nenhum confiável) eram normais: $D(15) = 0,12$, $p > 0,05$ e $D(16) = 0,12$, $p > 0,05$. Uma ANOVA preliminar, com idade e ordem de apresentação dos informantes como variáveis independentes, demonstrou não haver efeitos significativos dessas duas variáveis sobre o desempenho na TCS ($p_s = n.s.$). Portanto, essas variáveis foram removidas das análises que se seguem. Adicionalmente, um teste de correlação de Pearson não revelou uma associação estatisticamente significativa entre o desempenho das crianças no teste de vocabulário (TVIP) e na tarefa de confiança seletiva (TCS): $r = 0,05$, $p > 0,05$.

Também foram realizados testes *t* de uma amostra, para revelar se os participantes das condições 3 e 4 responderam acima do esperado pelo acaso (Tabela 5). O desempenho das crianças de C3 foi abaixo do esperado pelo acaso, enquanto o desempenho das crianças de C4 foi acima do esperado pelo acaso.

Tabela 5.

Escores médios, resultado do teste t de uma amostra e tamanho do efeito por condição e tipo de pergunta

	C3			C4		
	<i>Média (DP)</i>	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t</i>	<i>d</i>
Preferência (0 a 4 pts)	2,7 (1,4) **	8,2	1,93	2,8 (1,1) **	10,3	1,9
Nomeação (0 a 4 pts)	2,3 (1,2) **	7,5	1,92	2,6 (1,1) **	9,7	1,9
Julgamento Explícito (0 a 4 pontos)	2,5 (1,5) **	6,8	1,67	2,4 (1,1) **	8,7	1,7
Total (0 a 12 pts)	7,1 (2,8) **	9,7	2,54	7,8 (2,4) **	13,0	2,5

* $p < 0,05$ e ** $p < 0.001$

Nota: Os escores de Julgamento Explícito foram multiplicados por 2 para facilitar a comparação com os escores de preferência e nomeação.

De forma semelhante ao experimento 1, uma análise de distribuição de frequência das respostas (escolhas das crianças) também foi efetuada, para verificar possíveis diferenças entre as duas condições. Na Tabela 6, é possível observar a frequência (%) de crianças de C3 e C4 que mostraram uma preferência pelo informante do outro gênero (escores de 0 a 3; máximo 8 pontos); a de crianças que ficaram indecisas (ora escolhiam o informante do gênero feminino e ora escolhiam o informante do gênero masculino; 4 pontos de um total de 8 pontos) e a proporção de crianças que mostraram uma preferência clara pelo informante com o mesmo gênero que o delas (5 a 8 pontos, sendo a pontuação máxima 8). Uma análise de qui-quadrado revelou que não

há associação entre tipo de condição e padrão de preferência das crianças, $\chi^2(2) = 0,79$,
 $p = \text{n.s.}$

Tabela 6.

Distribuição de frequência dos padrões de escolha na C3 e C4

Condição/ Escolhas	Preferência pelo outro gênero		Indecisas		Preferência pelo mesmo gênero	
	n	%	n	%	n	%
C3	4	26,7%	3	20%	8	53,3%
C4	3	18,75%	2	12,5%	11	68,75%

Na condição em que os dois informantes mostraram um histórico de acertos (C3), a maior parte das crianças 53,3% preferiu o informante com o mesmo gênero que o delas, 20% ficaram indecisas e 26,7% preferiram o informante do gênero diferente. Já na condição em que os dois informantes possuíam um histórico de erros em todas as tentativas de familiarização, a maior parte das crianças 68,75% preferiu os informantes com o mesmo gênero que o delas, 12,5% ficaram indecisas e 18,75% selecionou consistentemente o do gênero diferente.

Discussão

Nos últimos dez anos, pesquisadores têm investigado possíveis efeitos de diferentes características de informantes nos julgamentos de confiança seletiva de crianças pequenas. Por exemplo, Landrum et al. (2013) testaram as influências do nível de benevolência de cada informante. Bascandziev e Harris (2014) verificaram os efeitos de atratividade física. McDonald e Ma (2016), por sua vez, observaram possíveis influências da etnia e do sotaque dos informantes sobre os julgamentos de confiança dos participantes. Ma e Woolley (2013) e Taylor (2013), no entanto, foram as primeiras pesquisadoras a estudar os efeitos do gênero do informante sobre as decisões de confiar seletivamente em crianças pequenas. Mais especificamente, Taylor (2013) foi a primeira a contrastar histórico de acurácia e gênero do informante na tentativa de descobrir a qual variável as crianças atribuem maior importância, quando precisam escolher um informante em situações novas de aprendizagem.

Seguindo essa linha de investigação promissora, o presente estudo, utilizando um procedimento semelhante ao de Taylor (2013), procurou investigar, em dois experimentos, se o gênero dos informantes também influencia a confiança seletiva de crianças brasileiras. O experimento 1 investigou se crianças (3 e 4 anos) preferem obter informações de um informante com um histórico de acertos, não importando o seu gênero, ou se elas demonstram preferência por alguém que é do mesmo gênero, não importando o seu histórico de confiabilidade.

Neste primeiro experimento, os participantes foram distribuídos em duas condições: em C1, apenas a informante do gênero feminino se mostrava confiável nas tentativas de familiarização e em C2, apenas o informante do gênero masculino respondia corretamente. Os resultados revelaram uma tendência das crianças a preferirem o informante com um histórico confiável, independentemente do seu gênero. E esse padrão foi encontrado tanto nas escolhas das meninas e dos meninos.

Em geral, esses dados sugerem que, de forma semelhante às crianças norte-americanas (Corriveau & Harris, 2009; Koenig et al., 2004; Pasquini et al., 2007), as crianças brasileiras também são capazes de rastrear o histórico de acurácia e utilizá-lo para embasar suas decisões. Adicionalmente, os resultados são consistentes com achados prévios, demonstrando que as crianças priorizaram o histórico de acertos dos informantes e não o seu gênero (Taylor, 2013; Boseovski et al., 2016).

Uma limitação do presente estudo, no entanto, precisa ser apontada: é possível que as escolhas das crianças tenham sido também influenciadas por preferências por uma determinada cor de camiseta (a informante do gênero feminino sempre usava camiseta branca e o informante do gênero masculino usava camiseta preta). Essa medida foi inspirada no estudo de Taylor (2013), para possibilitar que os informantes pudessem ser identificados como “pessoa de camiseta branca” e “pessoa de camiseta preta”, ao invés de serem chamados por nome e/ou pronome que marcasse seu gênero. Embora a experimentadora tenha escolhido cores neutras, algumas crianças revelaram uma preferência pela cor preta e essa preferência pode ter motivado as escolhas de algumas delas. Estudos futuros devem contrabalancear as cores das camisetas, ou investigar de forma mais sistemática as motivações dos participantes para escolher determinado informante (e.g., garantindo a resposta à pergunta “Por que você escolheu a pessoa de camiseta preta?”).

Em uma outra direção, o experimento 2 testou se crianças preferiam o informante do mesmo gênero, quando diante de informantes com históricos iguais, mas gêneros diferentes. Os participantes foram alocados em C3 (i.e., quando ambos os informantes se mostravam confiáveis durante a familiarização) e em C4 (i.e., quando os informantes dos dois gêneros não eram confiáveis).

Os resultados tanto de C3 como de C4 sugerem que as crianças demonstram uma preferência clara pelo informante do mesmo gênero. Esses resultados são consistentes

com os achados de Ma e Wooley (2013) e Taylor (2013) que sugerem que, quando os informantes possuem o mesmo histórico de confiabilidade, as crianças passam a recorrer ao gênero como critério de escolha, dando preferência ao informante do mesmo gênero.

Embora a maioria das crianças do experimento 2 tenha selecionado o informante do mesmo gênero, algumas crianças ainda preferiram o informante do outro gênero ou se mostraram indecisas (ora escolhiam o rótulo fornecido pelo informante do mesmo gênero e ora escolhiam o rótulo dado pelo informante do outro gênero). Uma possível diferença seria o nível de estereotipia dessas crianças, no entanto, diferentemente do estudo de Taylor (2013), a presente pesquisa não incluiu uma medida de estereotipia (e.g., POAT). É possível que as crianças mais estereotípicas sejam mais propensas a escolher o informante do mesmo gênero. Por exemplo, um participante do presente estudo justificou estar escolhendo o informante do gênero masculino, dizendo “Porque eu sou homem!”. Essa parece ser uma direção futura de pesquisa interessante: investigar possíveis diferenças entre as crianças que têm uma preferência clara pelo informante do mesmo gênero e as que parecem fazer escolhas mais neutras em relação ao gênero. Embora a escala utilizada por Taylor (POAT) ainda não tenha sido validada no Brasil, ela já foi traduzida e utilizada em um trabalho com crianças brasileiras (Viviani, 2017).

Outras possíveis variáveis a serem investigadas são: a configuração familiar das crianças (e.g., as profissões da mãe e do pai ou quem é o cuidador principal) ou o nível de exposição da criança a modelos (familiares, amigos, professores) que endossam os estereótipos de gênero. No presente estudo, uma das crianças afirmou ter escolhido o informante do gênero masculino porque adorava “pais”. Nessa direção, Cerqueira-Santos e Bourne (2015) descobriram que crianças filhas de casais homoparentais se engajam em brincadeiras menos condizentes com os estereótipos de gênero. Por outro lado, os resultados de Jaffer e Ma (2015) não revelaram diferenças estatisticamente

significativas entre as crianças com exposição prévia a pessoas com as características de interesse do estudo (i.e., deficiência física e obesidade) e crianças sem essa exposição. Estudos futuros podem contribuir investigando melhor possíveis influências dessas variáveis.

É importante mencionar também que a escolha dos rótulos ambíguos utilizados na fase de familiarização do experimento 2 (e.g., cachorro vs. cão) representa uma segunda e potencial limitação do presente estudo. É possível que as crianças tenham selecionado os informantes que utilizaram os rótulos mais presentes no cotidiano delas (i.e., cachorro é mais frequentemente usado pelas crianças do que cão). Todavia, antes da exibição dos vídeos com os informantes, após perguntar para as crianças o nome dos objetos familiares e ouvir as respostas delas, a pesquisadora ressaltava que o objeto poderia ser chamado de duas formas, como tentativa de minimizar os possíveis efeitos da escolha dos termos ambíguos.

É plausível também que o gênero da pesquisadora tenha influenciado os julgamentos feitos pelas crianças participantes do presente estudo, ou seja, elas podem ter respondido de acordo com o que achavam que a pesquisadora gostaria de ouvir. Porém, se essa hipótese fosse verdadeira, os resultados indicariam uma preferência delas pela informante mulher, o que não ocorreu.

Por fim, diferentemente do estudo de Taylor (2013), a presente pesquisa incluiu crianças de 3 anos e tinha como objetivo comparar o desempenho delas com o das crianças de 4 anos. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os desempenhos dos participantes dos dois grupos de idade (3 e 4 anos), o que é um indicativo de que eles utilizam o gênero como critério para selecionar o melhor informante desde muito cedo. É importante destacar também que, embora haja evidências robustas de uma associação entre diferentes medidas de linguagem e teoria da mente, os dados obtidos até o momento sugerem não haver correlação entre

vocabulário receptivo e o desempenho na tarefa de confiança seletiva (Milligan, Astington, & Dack, 2007).

Considerações Finais

O presente trabalho foi inspirado no trabalho de Taylor (2013), mas precisou ser adaptado não só para ajustar o cronograma da pesquisa ao tempo proposto para um programa de Mestrado, mas também para possibilitar um maior controle experimental. O objetivo do estudo era responder as seguintes perguntas: a) Crianças preferem um informante com histórico confiável, ou um informante com o mesmo gênero que o delas? b) Quando dois informantes possuem o mesmo histórico de confiabilidade, mas são de gêneros diferentes, qual é o critério utilizado para fazer os julgamentos de confiança seletiva? c) Os padrões de preferência das crianças de 3 e 4 anos são diferentes?

Os resultados demonstraram que mesmo as crianças de 3 anos tendem a preferir o informante com um histórico mais confiável. Porém, quando o histórico desses informantes é o mesmo, a maioria delas recorre ao informante do mesmo gênero. Há ainda algumas crianças que preferem informantes do outro gênero e crianças que parecem fazer escolhas neutras em relação ao gênero.

Apesar das limitações do presente trabalho já mencionadas, os principais objetivos foram atingidos. No entanto, duas perguntas ainda permanecem sem respostas: o que diferencia as crianças que fazem escolhas mais neutras das que preferem claramente o informante do mesmo gênero? E o que diferencia as crianças que selecionam o informante do mesmo gênero daquelas que optam pelo informante do outro gênero? Estudos futuros, investigando possíveis diferenças entre esses dois grupos podem ajudar a esclarecer essa questão.

Referências

- Archer, C. J. (1984). Children's attitudes toward sex-role division in adult occupational roles. *Sex Roles, 10*(1), 1–10. Doi: 10.1007/BF00287742
- Bascandziev, I., & Harris, P. L. (2014). In beauty we trust: Children prefer information from more attractive informants. *British Journal of Developmental Psychology, 32*(1), 94–99. Doi: 10.1111/bjdp.12022
- Bascandziev, I., & Harris, P. L. (2016). The beautiful and the accurate: Are children's selective trust decisions biased? *Journal of Experimental Child Psychology, 152*, 92-105. Doi: 10.1016/j.jecp.2016.06.017
- Boseovski, J. J., Hughes, C., & Miller, S. E. (2016). Expertise in unexpected places: Children's acceptance of information from gender counter-stereotypical experts. *Journal of Experimental Child Psychology, 141*, 161-176. Doi: 10.1016/j.jecp.2015.09.002
- Butler, L. P., Schmidt, M. F. H., Tavassolie, N. S., Gibbs, H. M. (2018). Children's evaluation of verified and unverified claims. *Journal of Experimental Child Psychology, 176*, 73–83. Doi: 10.1016/j.jecp.2018.07.007
- Capovilla, F. C. & Capovilla, A. G. S. (1997a) Desenvolvimento lingüístico na criança dos dois aos seis anos: Tradução e estandardização do Peabody Picture Vocabulary Test de Dunn & Dunn, e da Language Deveopment Survey de Rescorla. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação, 1*, 353-380.
- Cerqueira-Santos, E., & Bourne, J. (2015). Papéis de gênero nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças adotadas por casais do mesmo sexo. *Contextos Clínicos, 8*(1), 38-45. Doi: 10.4013/ctc.2015.81.04
- Chen, E. E., Corriveau, K. H., & Harris, P. L. (2011). Children as sociologists. *Anales de Psicología, 27*(3), 625–630.

- Clément, F., Koenig, M.A., & Harris, P.L. (2004). The ontogenesis of trust. *Mind and Language*, 19(4), 360-379. Doi: 10.1111/j.0268-1064.2004.00263.x
- Corriveau, K., & Harris, P. L. (2009). Choosing your informant: Weighing familiarity and recent accuracy. *Developmental science*, 12(3), 426-437. Doi: 10.1111/j.1467-7687.2008.00792.x
- Corriveau, K. H., Meints, K., & Harris, P. L. (2009). Early tracking of informant accuracy and inaccuracy. *British Journal of Developmental Psychology*, 27(2), 331-342. Doi: 10.1348/026151008X310229
- Dunn, L. M., Padilla, E. R., Lugo, D. E., & Dunn, L. M. (1986). *TVIP: Test de vocabulario en imágenes Peabody: adaptación Hispanoamericana*. American Guidance Service.
- Harris, P. L. (2012). *Trusting what you're told: How children learn from others*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 253 p.
- Harris, P. L., Koenig, M. A., Corriveau, K. H., & Jaswal, V. K. (2018). Cognitive foundations of learning from testimony. *Annual Review of Psychology*, 69, 251-273. Doi: 10.1146/annurev-psych-122216-011710
- Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H., & Senotier, D. (2009). Sexo e Gênero. In N. Mathieu, (Ed.) *Dicionário Crítico do feminismo*. (pp. 222-230). São Paulo: UNESP.
- Jaffer, S., & Ma, L. (2015). Preschoolers show less trust in physically disabled or obese informants. *Frontiers in psychology*, 5, 1524. Doi: 10.3389/fpsyg.2014.01524
- Jaswal, V. K., & Neely, L. A. (2006). Adults don't always know best: Preschoolers use past reliability over age when learning new words. *Psychological Science*, 17(9), 757-758.
- Koenig, M.A., Clément, F. & Harris, P.A. (2004). Trust in Testimony: Children's use of true and false statements. *Psychological Science*, 15(10), 694-698. Doi: 10.1111/j.0956-7976.2004.00742.x

- Koenig, M. A., & Jaswal, V. K. (2011). Characterizing Children's Expectations About Expertise and Incompetence: Halo or Pitchfork Effects? *Child Development*, 82(5), 1634–1647. Doi: 10.1111/j.1467-8624.2011.01618.x
- Kushnir, T., & Koenig, M. A. (2017). What I don't know won't hurt you: The relation between professed ignorance and later knowledge claims. *Developmental Psychology*, 53(5), 826-835. Doi: 10.1037/dev0000294
- Langlois, J. H., & Downs, A. C. (1980). Mothers, fathers, and peers as socialization agents of sex-typed play behaviors in young children. *Child development*, 1237-1247.
- Landrum, A. R., Mills, C. M., & Johnston, A. M. (2013). When do children trust the expert? Benevolence information influences children's trust more than expertise. *Developmental Science*, 16(4), 622–638. Doi: 10.1111/desc.12059
- Li, X., & Yow, W. Q. (2018). Willingness to revise own testimony: 3- and 4-year-olds' selective trust in unexpected testimony from accurate and inaccurate informants. *Journal of experimental Child Psychology*, 173, 1-15. Doi: 10.1016/j.jecp.2018.03.008
- Liben, L. S., Bigler, R. S. & Krogh, H. R. (2001). Pink and Blue Collar Jobs: Children's Judgments of Job Status and Job Aspirations in Relation to Sex of Worker. *Journal of Experimental Child Psychology*, 79(4), 346–363. Doi: 10.1006/jecp.2000.2611
- Lutz, D., & Keil, F. C. (2002). Early understanding of the division of cognitive labor. *Child Development*, 73(4), 1073–1084. Doi: 10.1111/1467-8624.00458
- Ma, L., & Woolley, J. D. (2013). Young children's sensitivity to speaker gender when learning from others. *Journal of Cognition and Development*, 14(1), 100–119. Doi: 10.1080/15248372.2011.63868

- Maccoby, E. E. (1988). Gender as a social category. *Developmental Psychology*, 24(6), 755–765. Doi: 10.1037/0012-1649.24.6.755
- McDonald, K. P. & Ma, L. (2016). Preschoolers' credulity toward misinformation from ingroup versus outgroup speakers. *Journal of Experimental Child Psychology* 148, 87–100. Doi: 10.1016/j.jecp.2016.03.011
- Milligan, K., Astington, J. W., & Dack, L. A. (2007). Language and theory of mind: Meta-analysis of the relation between language ability and false-belief understanding. *Child development*, 78(2), 622-646. Doi: 10.1111/j.1467-8624.2007.01018.x
- Pasquini, E. S., Corriveau, K. H., Koenig, M., & Harris, P. L. (2007). Preschoolers monitor the relative accuracy of informants. *Developmental Psychology*, 43(5), 1216–1226. Doi: 10.1037/0012-1649.43.5.1216
- Powlishta, K. K. (1995a). Gender bias in children's perception of personality traits. *Sex Roles*, 32(1), 17–28. Doi: 10.1007/BF01544755
- Powlishta, K. K. (1995b). Intergroup Processes in Childhood: Social Categorization and Sex Role Development. *Developmental Psychology*, 31(5), 781-788. Doi: 10.1037/0012-1649.31.5.781
- Souza, D. H. (2006). Falando sobre a mente: Algumas considerações sobre a relação entre linguagem e teoria da mente. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 19(3), 387-394. Doi: 10.1590/S0102-79722006000300007
- Souza, D. H., Koenig, M. A., & Lopes, R. (2013, outubro). Selective Trust and Theory of Mind in Brazilian Children: Effects of culture and Socioeconomic Background. *Biennial Meeting of the Cognitive Development Society*. Memphis, TN, EUA.

- Taylor, M.G. (2013). Gender influences on children's selective trust of adult testimony. *Journal of Experimental Child Psychology*, 115(4), 672–690. Doi: 10.1016/j.jecp.2013.04.003
- Thompson, S. K. (1975). Gender labels and early sex role development. *Child Development*, 46(2), 339–347.
- Viviani, M. (2017). Preferências das crianças por desenhos Infantis e sua relação com os estereótipos de gênero. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- VanderBorgh, M., & Jaswal, V. K. (2009). Who knows best? Preschoolers sometimes prefer child informants over adult informants. *Infant and Child Development*, 18(1), 61–71. Doi: 10.1002/icd.591

Anexo 1

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – UFSCar**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: OS EFEITOS DO GÊNERO E DO HISTÓRICO DE INFORMANTES NA CONFIANÇA SELETIVA DE CRIANÇAS

Pesquisador: ANA CAROLINA MESSIAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81173717.4.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.504.206

Apresentação do Projeto:

O projeto está claramente apresentado tanto no anexo de Informações Básicas como no arquivo Projeto Detalhado.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa estão claramente apresentados, como segue: **Objetivo Primário:** O primeiro objetivo do presente estudo é testar os efeitos do gênero e do histórico de confiabilidade do informante no desempenho de crianças brasileiras em uma tarefa de confiança seletiva.

Objetivo Secundário: O segundo objetivo é investigar possíveis influências de idade no padrão de preferência apresentado pelas crianças na tarefa de confiança seletiva, através de uma comparação entre crianças de dois grupos de idade distintos (i.e., 3 a 4 e 5 a 6 anos).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Tanto os riscos como os benefícios são claramente apresentados no projeto e nos Termos encaminhados:

Riscos: Os únicos possíveis riscos para os participantes são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Caso isto ocorra, não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália para o participante. A desistência da pesquisa pelo participante

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-0683

E-mail: cephumanas@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.504.206

não ocasionará qualquer forma de prejuízo ou represália a ele. Se a pesquisa ocasionar qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em contato com um profissional competente da área para melhor encaminhamento.

Benefícios: O presente estudo pretende contribuir para o avanço da pesquisa sobre o desenvolvimento da confiança seletiva, em especial ao fornecer dados interessantes sobre esse processo no contexto nacional. Os dados da pesquisa também serão importantes para uma melhor compreensão acerca do viés de gênero que as crianças podem demonstrar em tarefas de confiança seletiva.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a investigação a que se propõe executar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão corretamente apresentados. Destaco que o TALE possui linguagem e imagem condizente com a faixa etária dos participantes pretendidos pela pesquisa.

Recomendações:

Não há recomendações a se fazer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_991647.pdf	07/12/2017 16:11:16		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta.pdf	05/12/2017 16:15:29	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Cronograma	Cronograma_De_Pesquisa_Atualizado_AnaMessias.pdf	05/12/2017 15:08:40	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFinal_AnaMessias.pdf	05/12/2017 15:03:11	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_De_Assentimento_AnaMessias.pdf	05/12/2017 15:01:27	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3351-0883 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 2.504.206

Ausência	Termo_De_Assentimento_AnaMessias.pdf	06/12/2017 15:01:27	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_De_Consentimento_AnaMessias.pdf	06/12/2017 15:01:13	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto_Assinada.pdf	06/12/2017 15:00:41	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 21 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (18)3351-0883 E-mail: cep@ufscar.br

Apêndice 1

Carta aos Pais

Prezados pais,

Meu nome é Ana Carolina Messias e sou aluna de mestrado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação da Profa. Débora de Hollanda Souza. Eu tenho um interesse especial pelo estudo do desenvolvimento infantil. Mais especificamente, gostaria de descobrir mais sobre os critérios utilizados pelas crianças para determinar em quais pessoas elas podem confiar em situações novas de aprendizagem.

O estudo envolve sessões individuais com as crianças com duas atividades principais: a) administração de um teste de vocabulário receptivo; b) apresentação de alguns vídeos com cenas envolvendo dois adultos que nomeiam objetos conhecidos ou pouco familiares para as crianças; após cada cena, faço algumas perguntas sobre o que os atores estão fazendo e para quem (que ator no vídeo) elas querem pedir ajuda para descobrir os nomes de coisas desconhecidas. As sessões serão filmadas para facilitar o registro e podem durar entre 20 e 40 minutos. Os dados e informações das crianças são confidenciais.

Gostaria de convidar o seu (sua) filho (a) para participar. Em anexo, envio um termo de consentimento, com todos os detalhes sobre o projeto. A participação da criança não é obrigatória e ela somente participará se concordar em participar! Algumas crianças que participaram em estudos semelhantes relataram ter gostado muito das atividades. E é importante lembrar também que se o (a) seu (sua) filho (a) quiser voltar para a sala de aula, ele/ela poderá fazer isso a qualquer momento.

Nós nos comprometemos também a fazer uma devolutiva (na forma de carta ou apresentação), assim que a pesquisa for concluída. Se vocês tiverem qualquer dúvida, por favor, não hesitem em entrar em contato por e-mail ou telefone.

Desde já, agradeço a atenção!

Um abraço,



Ana Carolina!

(16) 991895675

anacarolinamessias@rocketmail.com

Apêndice 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Seu (sua) filho (a) está convidado (a) a participar da pesquisa *“Os efeitos do gênero e do histórico de informantes na confiança seletiva de crianças”*.
2. Seu (sua) filho (a) foi selecionado (a) como possível participante neste estudo porque ele (ela) está em uma idade que é de interesse para o estudo em questão. A participação de seu (sua) filho (a) não é obrigatória.
3. A qualquer momento, você e seu (sua) filho (a) podem desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, com a escola de seu (sua) filho (a), ou com a Universidade Federal de São Carlos.
5. O objetivo desta pesquisa é investigar possíveis efeitos do gênero de um informante nas decisões de uma criança sobre em quem devem confiar, em particular, em uma situação de aprendizagem nova. Em outras palavras, queremos investigar se as crianças preferem um informante do mesmo gênero que o seu quando precisam obter informações de alguém para resolver um problema. A coleta de dados consiste na aplicação de um teste de vocabulário receptivo, uma tarefa de confiança seletiva padrão (utilizada em muitas outras pesquisas na área) e uma entrevista com a criança. Essas atividades provavelmente serão realizadas em duas sessões com 25 minutos cada.
6. As tarefas e brincadeiras serão feitas na própria escola de seu (sua) filho (a).
7. Os únicos possíveis riscos para o(a) seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Caso ocorra qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. A pesquisadora acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.
8. Não há nenhum benefício direto para você e seu (sua) filho (a), mas os pais de crianças que fizeram parte de outras pesquisas relatam que a participação representa uma oportunidade de contribuir para a pesquisa sobre desenvolvimento infantil e os ajuda a aprender mais sobre seus filhos.
9. A sessão com seu (sua) filho (a) será filmada para que as pesquisadoras envolvidas no projeto possam mais tarde rever a sessão e registrar devidamente as respostas de cada criança. Os seus dados e os dados sobre seu (sua) filho (a) são confidenciais e serão mantidos em sigilo pelos responsáveis por este projeto, podendo ser disponibilizados a você caso seja do seu interesse.
10. O nome verdadeiro dos participantes não será divulgado pelas pesquisadoras, garantindo, assim, o anonimato dos mesmos.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora responsável pelo projeto, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.



Prof^a. Débora de Hollanda Souza
(16) 33518483 ou (16) 33518455

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu (minha) filho (a) na pesquisa e concordo que ele (a) participe. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

São Carlos, _____ de _____ 2017.

Assinatura do Pai/ Mãe ou responsável

Apêndice 3

Tabela 1.

Rótulos utilizados pelos informantes nas tentativas de familiarização (objetos conhecidos) em cada condição

Item/ Rótulo	Mulher Confiável		Homem Confiável		Ambos Confiáveis		Nenhum Confiável	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Lâmpada	Garrafa	Lâmpada	Luz	Garrafa	Luz	Lâmpada	Garrafa	Chave
Pote	Chave	Pote	Tigela	Chave	Tigela	Pote	Livro	Celular
Casaco	Livro	Casaco	Blusa de frio	Livro	Blusa de frio	Casaco	Colher	Caneta
Cachorro (Pelúcia)	Celular	Cão	Cachorro	Celular	Cachorro	Cão	Prato	Tesoura

Apêndice 4**Tabela 2.***Rótulos utilizados pelos informantes durante as tentativas teste (objetos desconhecidos)*

Item	Homem	Mulher
A	Túma	Danú
B	Mado	Tégo
C	Láqui	Bêda
D	Zédi	Poquí